

Francisco Carvalho



GALOPE DE PÉGASO


mundo manual

**CATÁLOGO DE
MUNDO MANUAL
EDIÇÕES**

"O LOBO E O PASTOR"

Sérgio Campos, poesia,
1990

"NATIVA IDADE"

Sérgio Campos, poesia,
1990

"AS IRAS DO DIA"

Sérgio Campos, poesia,
1990

"CINZAS DO SOL"

Floriano Martins, poesia,
1991

"SÁBIAS AREIAS"

Floriano Martins, poesia,
1991

**"ARQUITETURA
DO INVISÍVEL"**

Gildo Magalhães, poesia,
1992

"A CÚPULA E O RUMOR"

Sérgio Campos, poesia,
1992

"PONTO&CONTRAPONTO"

Sérgio Campos, ensaio,
1992

"LEITURA DE CINZAS"

Sérgio Campos, poesia,
1993

"TUMULTÚMULOS"

Floriano Martins, poesia,
1994

"GALOPE DE PÉGASO"

Francisco Carvalho, poesia,
1994

No preto:

"MAR ANTERIOR"

Sérgio Campos, poesia
revista e selecionada.
1994



Sérgio Campos (1941),
Ilha do Governador -
Rio de Janeiro - criou e
dirige **MUNDO MA-
NUAL EDIÇÕES.**



Francisco Carvalho

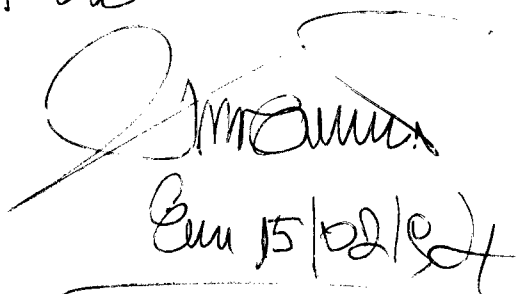


GALOPE DE PÉGASO


mundo manual

GALOPE DE PÉGASO

Ao prezado amigo Nilton
Maíel, com a maior
estima e as melhores
homenagens etc


Em 15/02/94

Francisco Carvalho

“GALOPE DE PÉGASO”

© Francisco Carvalho

Projeto Gráfico: Sérgio Campos

Revisão: o autor

Tiragem: 300 exemplares

Composição e editoração: Cláudio J. M. Souza

André Luiz Gama

Impressão: ZAS Gráfica e Editora

Para MUNDO MANUAL EDIÇÕES

Ilha do Governador - RJ

1994

Todos os direitos de edição reservados ao autor.

Vedada a reprodução de texto e projeto gráfico, sob as penas da lei.

Diretor-Editorial: SÉRGIO CAMPOS

GALOPE DE PÉGASO

Índice

Núpcias.....	11
Asas do Crepúsculo	12
Galope de Pégaso	13
Deus afogado	15
Cigarras.....	16
Oitavas Reais	17
Elegia do tempo	18
Aquela que me acende a fantasia	19
Ode à árvore	20
Escada do Paraíso	21
Cântico da nudez	22
Elegia de Setembro	23
Sentimento do crepúsculo	24
Anatomia do poema	25
Coisa Certa	27
Cabeça de cavalo	28
Pórtico do amor	29
Elogio da sombra	30
Canção da Angra	31
Cântico das reminiscências	32
Elegia da Igreja de N. S. dos Remédios	33
Canção felina	34
Realeza	35
Arquipélago	36
Fantasia para guitarra moura	37
Três estudos sobre o vazio	43
Biografia	44
Cântico da busca	45
Réquiem para uma cadela	49
Ave de rapina	50
Marginália	51

*Aos pobres de corpo e de espírito
porque deles não é o reino da terra.*

*Deve, ó Títiro, o pastor guardar ovelhas
gordas, mas dizer versos singelos.*

*Virgílio (Bucólicas, VI, trad. de
Péricles Eugênio da Silva Ramos)*

NÚPCIAS

Este dia que me oferta
as espigas de ouro
desta claridade sem vértebras.

Este dia como um pássaro
fugitivo do mar
recendendo a espuma e amaranto.

Este dia erguido
como um pórtico de fogo
para celebrar os anjos rebeldes.

Este dia como um jorro
de vinho derramado
entre os seios da amante.

Este dia de abóbadas
e arcadas de vento
com todas as liturgias de uma catedral.

Este dia de núpcias
parece uma árvore
com todos os seus frutos maduros.

ASAS DO CREPÚSCULO

Na súbita escuridade
deste crepúsculo de asas
a alma parece flutuar
numa ondulação de vertigem.

No coração da amada
jardim de anseios
sensações palpitam
num frescor de relva.

Visões de um tempo mítico
com seus perfis de areia
pairam rentes à sombra
flexível das samambaias.

Na escuridade súbita
as almas dos aflitos
voltam-se para trás
e só encontram o vazio.

GALOPE DE PÉGASO

A vida passa
com seu cortejo
de dissipações.

Movimento célere
de corpos e objetos
em plena vertigem.

Passa e não volta
(esquivas águas
do rio de Heráclito).

Passa por tua sombra
atravessa a alma
e os seus pórticos.

Passa e nos trespassa
com seu punhal
de sordidez.

Passa e nos marca
com seu estigma
de cinza e pó.

A vida é esse
bailado de gestos
contra a parede.

Essa dança íngreme
da matéria
à beira do abismo.

Essa pátria de anseios.
Essa diáspora
de sonho e fantasia.

Esse vento de páscoa.
Esse solitário
galope de pégaso.

DEUS AFOGADO

Chega a noite com seu negro cortejo
de espantos, palpitações e presságios.
Meu coração bebe o vinho da treva
e vai morrer ao luar dos teus braços.
Os bandolins da noite estão tocando
os funerais do tempo e desta hora
em que a espada da ausência me trespassa.
Ouço tua voz raiando em meus sentidos,
tua voz cristalina como a aurora
dos galos e a fogueira dos estios.
Chega a noite, meu amor, arrastando
seu manto de sangue. Ergo minha súplica
para o céu, mas o céu está calado
e o deus da infância se afogou num lago.

CIGARRAS

Hoje as cigarras
estão tecendo
o linho do seu cântico
em louvor do sol
e da palpitância das espigas.
Estão celebrando
este abril de asas e zumbidos
que se dilaceram
de encontro às flechas da luz.
Estão desenhando o amor
na fimbria de cânhamo
deste verão de vespas e abelhas
sob as bênçãos
de um céu de topázio.
Hoje as cigarras devaneiam.
Partem para o equinócio
numa cavalgada de violinos.

OITAVAS REAIS

Pássaro real, ó descendente
dos faraós, guardados em catacumbas
de linho. Pássaros da estirpe
dos deuses coroados que povoaram
as verdes colinas da Grécia
no tempo em que o alaúde de Homero
celebrava os feitos de Ulisses
e a sedução dos olhos de Penélope.

Pássaro gerado pelo sol dos impérios
à sombra dos oliveirais de Delfos.
Senhor do espaço e do infinito
navegador solitário dos ventos
e das procelas. Eu te saúdo
ó pássaro real, em teu castelo
de plumas, erguido sobre os vestígios
do derradeiro sonho medieval.

ELEGIA DO TEMPO

O tempo, amada, passa como um rio
em fluir incessante para a foz.
Rio que nos embala em suas águas
ou nos despeja em solitária margem.
Somos um grão de pó que rodopia
na voragem dos anos e dos meses.
O tempo, amada, é um carrossel de areia
girando sem cessar. E os nossos sonhos
são como folhas derrubadas pelo
vento. Chego à janela, o firmamento
começa a desmaiar, as andorinhas
desenham reminiscências nas alturas
e penso em ti, princesa dos arcanos,
e no corcel do tempo galopamos.

AQUELA QUE ME ACENDE A FANTASIA

Aquela que me acende a fantasia
e retoma o caminho para os astros,
como será o nome dessa deusa?
Cruza as minhas noites com seu fulgor
de sol no zênite. Vejo-a passar
pelos jardins da vida, recendendo
a orvalho, a madrugadas nos quintais
onde os galos preludiam verões.
Aquela que me axalta, sei-lhe apenas
o roçar da nudez em meus sentidos.
Aves do céu, que flutuais no espaço
entre arcanjos e esfinges de cristal,
dizei-me onde é que reina a hierarquia
daquela que me acende a fantasia.

ODE À ÁRVORE

Deusa vegetal
de corpo límpido.
Mãe das raízes
matriz das matrizes.
Árvore, medusa
de cabelos verdes.
Ó noiva morganática
do senhor dos relâmpagos.
Catedral do vento
e das liturgias da paz.
Pátria dos pássaros
pórtico de ouro
do solar do crepúsculo.
Senda de murmúrios
em segredo, de
palpitações em surdina.
Guardiã dos córregos
e dos veios da vida.
Pastora da montanha
e da fecundidade.

ESCADA DO PARAÍSO

Corpo feito de vagas
agitadas e búzios
sonolentos. Oh corpo
de mulher, entre medusas
de portulano e areia.
Corpo seduzido pela
luminosidade dos cardumes
pelo movimento sinuoso
das marés. Oh corpo
de terracota e cristal.
Corpo aderido ao sexo
de Deus. Corpo nu
de gaivota em tarde azul
escada do paraíso.
Oh corpo varando a noite
e o dia em diagonal.
Corpo, oh corpo de lava
e lêvedo, fendido
pela cimitarra de um deus.
Eu te celebro nesta
canção. Vertente e foz
dos sete pecados capitais.

CÂNTICO DA NUDEZ

Toco tua nudez
de taça que ardesse
ao fogo do vinho.
Tua nudez viva de água
libertada. Nudez
de todos os desejos
comidos pela loba do cio.
Toco tua nudez
com as mãos, até sentir
a pulsação da chama encarcerada.
Toco tua nudez com
os dedos dos cinco sentidos
até escutar a música
jubilosa das cordas do alaúde
do amor. Até pressentir
que no céu dos teus olhos
todas as estrelas se apagaram.

ELEGIA DE SETEMBRO

Setembro roçando a orla do mar
com seus ramos constelados de nuvens.
Setembro chegado em silêncio
sobre os terraços sonolentos das casas.
Silêncio palpável como pedra.
Só a respiração do universo
se escuta, a farfalhar nos verdes
cabelos das samambaias. Só se
ouve o ressonar dos anjos na tarde límpida
como um pedaço de cristal
jogado ao sol, prestes a romper
a inconsútil, a derradeira reminiscência
que nos separa da morte.

SENTIMENTO DO CREPÚSCULO

O crepúsculo desce
das alturas
num roçar de pálpebras amorosas.

Traz consigo
palpitações e devaneios
de asas recendendo a girassol.

Nesta hora de reminiscências
e presságios, tudo
no coração é desejo de regresso.

Nesta hora de harpas
tangidas pelos dedos dos antúrios
desabrocha o prodígio.

Nesta hora de súplica
e rendição, os olhos da matéria
se voltam para o abismo.

ANATOMIA DO POEMA

O poema é um cardume
cego, punhal
de afiado gume.

O poema é um feixe
de âncoras
nas rotas do peixe.

Cintilação, dardo
que atravessa
o salto do leopardo.

Cáfila, perto
da alba que incendeia
rastros no deserto.

Latido, uivo
de cadela assassinada
por um deus ruivo.

O poema é o faro
do tigre, a pele escura
do instante claro.

A ponta satírica
da língua cancerosa
da lírica.

COISA CERTA

Escreva seu nome com sangue
na soleira de pedra
da casa ancestral, agora deserta.

Faça a coisa certa.

Recomece, todas as manhãs,
a busca do prodígio
ao redor do sapato que lhe aperta.

Faça a coisa certa.

Cada hora seja de partida
para esse país distante
a que se vai por estrada incerta.

Faça a coisa certa.

A tumba à beira da estrada
convida a alma a que acenda
a candeia e esteja sempre alerta.

Faça a coisa certa.

Faça uma túnica de espigas
para quando o mendigo chegar
com frio, pela porta aberta.

Faça a coisa certa.

CABEÇA DE CAVALO

Cabeça de cavalo
terás pertencido
ao rei Sardanapalo?

(Há nobres indícios
de que foste gerada
em prados fenícios).

Provéns de egípcias glebas?
Terás atravessado
as cem portas de Tebas?

Aprendeste as ledices
do olhar de Penélope
tecendo o amor de Ulisses?

De que frescor de árvore
é o vento que agita
tuas crinas de mármore?

Cabeça de cavalo
habitas o mesmo arcano
em que resvalo.

PÓRTICO DO AMOR

Os crepúsculos desmaiam no horizonte
para escutar as súplicas dos sinos
nos campanários das igrejas, onde
os pardais fazem seus ninhos e amam.
Todos os crepúsculos devaneiam
entre marés de nuvens, entre arcadas
de vento e solidão. Minha alma roça
por tua sombra, amada, e te procura
pela memória destas ruas, pelos
caminhos da lembrança, pela escada
que leva ao paraíso. Se voltares
pela estrada de vento e samambaia,
me acharás te esperando, neste pórtico
do amor, indiferente à chuva e à morte.

ELOGIO DA SOMBRA

Tua sombra
refletida na água.
Esguia como um pórtico.

Tua sombra
desenhada na anca
dos arquipélagos.

Tua sombra
coroadá rainha
na dinastia dos espelhos.

Portas que se abrissem
para um jardim
em chamas.

CANÇÃO DA ANGRA

Odor de espuma marítima
escorre das vértebras do teu corpo
recendendo a orquídea e sal.
Odor de vinho dionisiaco
circunda a taça dos teus ombros
como se à embriaguez da alma
não bastasse o abismo dos teus olhos.
Odor de rosas machucadas
num pórtico de cedro
invade as sete colinas do teu corpo.
E todo ele é consumido pela
volúpia do mar e pelo cio
dos cardumes. Ah, fosse eu, amada,
a angra onde a tua nau ancora.

CÂNTICO DAS REMINISCÊNCIAS

O vento cessou. As árvores
parecem esculturas de pedra e limo.
Em breve a noite descera
os degraus ardentes do silêncio.
E me lembrarei da infância tenaz
cavalcando a estrada dos rios
e os campos do amor. E da chuva
escorrendo sobre paredes inclinadas.
E das borboletas pascais
flutuando no incenso da quaresma.
E do vento erguendo as alfaías dos altares.
E das moças vestidas de branco
desfraldando a túnica do profeta.
O vento cessou. As árvores parecem
esculturas da solidão de Deus.

ELEGIA DA IGREJA DE N. S. DOS REMÉDIOS

Na torre de nostalgia e cal
os sinos dobram na tarde lânguida.
Um sino triste toca sem cessar
na tarde carregada pelas andorinhas.
Escuto o sino bater como se fosse
o coração dos mortos que enterrei.
O som magoado desse bronze parece
que desperta as hierarquias de Deus.
Enquanto a metrópole arqueja
igual a um paquiderme fatigado
os sinos da Igreja de N. S. dos Remédios
continuam a bater no peito esguio
da torre de nostalgia e cal
na tarde despetalada pelas andorinhas.

CANÇÃO FELINA

Esta noite os gatos amam nos telhados
sob os olhos compassivos da lua.
No céu distante dormem as estrelas
abaixando as pestanas fatigadas.
Nesta noite de incesto os gatos amam
e os seus corpos, repletos de volúpia,
mais vibrantes que os arcos dos violinos,
celebram ruidosamente as núpcias
do amor. Ouço o cântico selvagem
que se derrama na taça da noite
igual a um vinho amargo que entontece.
Os gatos amam e seu clamor feroz
ressoa como um grito de presságio
até que se dissipe a madrugada.

REALEZA

a prata da ardentia
o ouro das marés
a chama dos punhais.

a brisa dos arcanos
o gotejar do vinho do tempo
na taça da clepsidra.

o pólen do outono
o fulgor da rosa
quando começa a aurora.

tudo mais real
que o etéreo sopro
que se chama vida.

ARQUIPÉLAGO

Lagarta mágica
no seu arquipélago
de pudor e cristal.

O tempo tecido
teia e teodicéia
do silêncio.

Gótica alvenaria
dos espantos. Labirinto
de asas límpidas.

O vôo das hierarquias
rumo do azul.
Vertigem do zênite.

FANTASIA PARA GUITARRA MOURA

Sei de um rio que corre
dentro do nosso peito.
Um rio que se move

em seu fluir secreto
de serpe iluminada.
Como se fosse um réptil.

Rio que vem do âmago
de si mesmo e deságua
na memória, esse pântano.

Sei de um rio que irriga
as artérias da amada
com ouro, incenso e mirra.

Esse rio, esse abismo
que nos mantém suspensos
do estupor, da vertigem.

(São tantos os arcanos
os usos desses búzios
onde sempre ancoramos).

Sei de um rio que acende
seu cachimbo de ópio
nas chamas do teu ventre.

Rio que verte, amada,
da dor da própria carne.
Rio que sempre estava

florindo em cada messe
que o coração plantava.
Mas esse rio forma

um delta em tuas coxas
onde a beleza arde
nesse jardim sem folhas.

Rio que alteia a crina
entre o dorso do verso
e as madeixas da rima.

Sei de um rio que agita
as asas de albatroz
quando vai alçar vôo

para os confins do tempo
sonhando por nós todos.
Rio que nos habita

com tal profundidade
que passa pela porta
do corpo e ninguém sabe

onde começa e acaba
a espuma desse rio
o enigma dessa cauda

que abarca o céu, o inferno.
Rio que nos carrega
por dentro de si mesmo

como carrega o húmus
da infância soterrada
nos olhos dos cardumes.

Sei de um rio que bebe
o vinho dos teus ombros
mas nunca mata a sede

amada, do que jorra
das praias do teu corpo
onde gaivotas dormem

singrando a tua anca
como se fossem barcos
que não tivessem âncoras.

Onde esse rio pasta
aí somos cativos
do amor que não se gasta

nem perde o seu fastígio.
Onde esse rio espera
a volta do equinócio

com seu colar de espigas.
Onde esse rio abarca
remorsos de outras eras

que não deixaram marca
de infância em nossa vida.
Onde esse rio alonga

o seu olhar de touro
ferido pela espada
de fogo do zodíaco.

Onde esse rio mora
sonhado pelas conchas
mordido pelos peixes

tangido pelas ondas.
Onde esse rio ergue
os braços para amar-te

como se deusa fosses
no altar do meu delírio.
Onde esse rio encontra

nosso destino incerto
e os passos de quem ama
sangrando entre raízes:

aí somos cativos
do amor que em sendo chama
costuma ser eterno.

TRÊS ESTUDOS SOBRE O VAZIO

I

Tenta não decifrar o universo.
Mergulha no coração do vazio
como a neve caindo sobre os campos
e as abelhas pousando numa flor.

II

Os objetos bailam no vazio
como as plumas de um pássaro
assassinado pela flecha do caçador.
O mistério pode ser o teu olhar
seduzido pela nudez da flor.

III

Tenho andado à procura de Deus
no meio das trevas do meu coração.
Mas só escuto o som dos objetos
dentro da vasta noite dos meus sentidos.
O vazio, além do tempo e da busca.

BIOGRAFIA

Chamava-se Gertrudes Luzia Vésper
Antígona dos Mártires.
Viveu noventa e dois anos
com lucidez nos olhos
e mocidade no coração.
Na hora de morrer
pediu que lhe trouxessem
chá com torradas.
— Outra das formas de dizer adeus.

CÂNTICO DA BUSCA

Consente que eu te siga
na tenebrosa senda
onde começa a vida.

Senda escura e estreita
onde os teus passos colhem
as almas dos eleitos.

Consente que os meus braços
colham a misericórdia
na messe dos teus passos.

A noite se aproxima
e a solidão da alma
parece que não termina.

Consente que eu te chame
no meio dessa noite
que acenda a minha lâmpada

no meio dessa treva
que encontre a metanóia
na tua mão direita.

Consente que os meus olhos
te vejam nas esferas
das albas derradeiras

onde a luz é mais branda
e poderei dizer-te
que o meu olhar te ama.

Das trevas de onde venho
a solidão me pesa
como se fosse um lenho.

Onde acharei refúgio
senão junto do poço
onde florescem as vinhas?

Onde acharei consolo
senão junto da fonte
onde o pastor recolhe

o sono das ovelhas?
Onde acharei repouso
senão sob essa árvore

que é tua mão direita?
Onde inclinar a fronte
se a nuvem vespertina

me ofusca a luz dos olhos
e um vento de morfina
conduz o odor da morte?

O vento quebra as portas
das negras sepulturas
onde os eleitos sonham

que ao fim da senda estreita
repousarão na concha
de tua mão direita.

Consente que os humanos
regressem pela calma
senda dos teus arcanos.

A noite se aproxima
e a solidão da alma
parece que não termina.

RÉQUIEM PARA UMA CADELA

Pobre cadela ruiva
morta no asfalto negro
entre douradas moscas.
Pobre cadela esquelada.
Ninguém ali por perto
que lhe sentisse o hálito.
A alma lhe escapando
das póstumas entranhas.
A tarde se esvaindo
no piso da varanda
por entre samambaias
como um jorro de sangue.
Pobre cadela achada
entre volúveis moscas
na tarde se esvaindo
dentro de nossas bocas
repletas de palavras.
Ninguém ali que ouvisse
pobre cadela ruiva
o repicar do vento
entre douradas moscas.

AVE DE RAPINA

Ó ave de rapina
quem te oferta o sol
quando a aurora termina?

Que esplendor de zênite
incendeia a memória
de tuas retinas?

Que impulso magnético
te leva a procurar
refúgio nas estrelas?

Que vento alucinado
te impele para
os vértices da vertigem?

Que fanal te clareia
quando fitas os rincões
de tua dinastia?

Que império de chamas
funda o teu poderio
de sedução e morte?

MARGINÁLIA

A luz à beira da sombra
o vento à beira do fogo
a vida à beira da morte.

O corpo à beira do sonho
a alma à beira do abismo
o mar à beira da praia.

A nau à beira da escarpa
o espanto à beira dos dias
o gato à beira do salto.

A lua à beira do lago
o riso à beira do pranto
o sapo à beira do pântano.

O boi à beira do rio
a ovelha à beira do córrego
o homem à beira do código.

Este livro foi acabado de imprimir aos 10 de janeiro de 1994, nas dependencias de ZAS GRÁFICA E EDITORA LTDA., na rua Santo Antonio, 437, Juiz de Fora-MG, por encomenda e sob orientação de MUNDO MANUAL EDIÇÕES, com endereço na Estrada da Bica, 536/105, Ilha do Governador, CEP nº 2.931-370, Rio de Janeiro-RJ.

